

Uma breve análise sobre as concepções de linguagem

Carolina de Andrade Cosme, Márcia Juliana Dias de Aguiar & Patrícia Lopes Vargas^c

Abstract^o

The aim of this paper is to provide a general view about language conception, concerning its relation with the school environment and, mainly, with the didactic manual used in this context. With this in mind, it will be presented an overall view of theories which supported the analysis of the specific elementary school coursebook, as well as some problems identified which, in to a certain extent, do not produce an effective process of learning.

Resumo

O objetivo deste estudo é fornecer uma visão geral sobre a concepção de linguagem vinculada no ambiente escolar e, principalmente, no manual didático utilizado pelos professores em sala de aula. Tendo isso em vista, será apresentada uma visão geral das teorias que apoiaram a análise do livro didático de uma escola de ensino fundamental, bem como alguns problemas identificados no livro, os quais, de uma certa forma, não contribuem para um eficaz processo de ensino e aprendizagem.

Introdução

A preocupação em analisar a concepção de linguagem surge pelo fato de que esse é um elemento que pode comprometer a qualidade do ensino.

Dentro do contexto escolar, a utilização do livro didático tem sido uma ferramenta que auxilia na tarefa do professor. Contudo, o questionamento que se faz é se, na prática, o livro didático tem contribuído efetivamente na produção e aquisição de conhecimento pelo aluno. Partindo-se dessa questão, um importante aspecto a ser considerado é a concepção de linguagem adotada tanto pelo professor quanto pelo livro didático.

Nesse contexto, a linguagem deve ser apresentada como uma atividade constitutiva, cujo locus de realização é a interação verbal. Portanto, segundo João Wanderley Geraldi (1996:67), "é pelo processo de internalização do que nos é exterior que nos constituímos como sujeitos e, com as palavras de que dispomos, trabalhamos na construção de novas palavras". Assim, a nossa língua não é um sistema fechado, ou pronto, de que poderíamos meramente nos apropriar. No próprio ato de falarmos, de nos comunicarmos com os outros, pela forma como o fazemos, estamos participando, queiramos ou não, do processo de constituição da língua.

Dessa forma, uma concepção de linguagem interativa é considerada pelos teóricos em educação a mais adequada para que seja construída, de forma satisfatória, a aprendizagem dentro da sala de aula e para que o aluno se torne apto a refletir sobre a linguagem e a utilizá-la em suas práticas linguísticas. Esses teóricos observaram que a concepção de linguagem adotada por grande parte dos livros didáticos nacionais concebem a língua a-historicamente, sendo a fala abandonada e o indivíduo identificado como um ser sem vontade, sem ação. Além disso, os manuais desenvolvem, restritivamente, as regras da norma culta, o que desvincula a língua de sua prática social. No que se refere à leitura, o texto é geralmente utilizado por motivos de ordem prática, tornando-se objeto de exercícios de identificação de informações, ensino de gramática, ou como instrumento de produção textual não proveitosa. É evidente que essas práticas são dignas de uso, mas restringir-se a elas descredencia a leitura, pois ela só se legitima ao conter um caráter produtivo.

Partindo desses pressupostos, o presente trabalho tem como objetivo fazer uma breve análise sobre as concepções de linguagem, a partir de uma postura crítica em relação ao ensino da língua materna.

É necessário esclarecer que não se pretende defender a adoção ou não de manuais didáticos, e sim, verificar a teoria de linguagem adotada por eles e a maneira como o trabalho com a linguagem é

^c Alunas do 5^o e 7^o semestre e graduanda do curso de Letras, respectivamente. Participantes do projeto. Artigo elaborado a partir de pesquisa feita no projeto "Em busca da melhoria do ensino fundamental: concepção de linguagem subjacente aos manuais didáticos", orientado pelas professoras Eni de Paiva Celidonio e Maria Eulália Tomasi Albuquerque.

desenvolvido, verificando se os livros contribuem para um ensino de qualidade.

A concepção de linguagem, a interação e o contexto escolar

Como se sabe, algumas escolas desenvolvem uma prática que privilegia o ensino de frases, mas que cobra do aluno a produção de texto e o desenvolvimento da linguagem como um todo. Essa prática vê a escrita como treinamento mecânico de técnicas, desvinculada de uma teoria da língua, apenas voltada para a memorização de normas gramaticais. Enfim, é uma prática que nada acrescenta aos alunos em termos de competência textual e discursiva.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do MEC(1998)¹:

Aprender a pensar e a falar sobre a linguagem, realizar uma atividade de natureza reflexiva, uma atividade de análise lingüística supõe o planejamento de situações didáticas que possibilitem a reflexão não apenas sobre os diferentes recursos expressivos utilizados pelo autor do texto, mas também sob a forma pela qual a seleção de tais recursos reflete as condições de produção do discurso e as restrições impostas pelo gênero e pelo suporte.

Para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma interativa, o professor precisa ver o aluno como sujeito ativo que constrói suas habilidades e que interage através de sua produção textual (oral ou escrita). Para que ocorra interação, é necessário buscar metodologias que considerem o tempo e o espaço em que vivem os alunos.

As diretrizes para o Aperfeiçoamento do Ensino/Aprendizagem da Língua Portuguesa, propostas pelo MEC, sugerem um ensino centrado em três atividades: a prática da leitura de textos, a prática da produção de textos e a prática da análise lingüística.

Segundo Geraldi (1996)²:

No processo das relações de ensino, em sala de aula, tais práticas não podem, obviamente, ser tomadas como atividades estanques, mas, ao contrário, interligam-se precisamente na unidade textual, ora objeto de leitura, ora resultado da atividade produtiva do estudante. A reflexão lingüística, terceira prática apontada, se dá concomitantemente à leitura, quando esta deixa de ser mecânica para se tornar construção de uma compreensão dos sentidos veiculados pelo texto...

Considerando-se esse teórico, partir do texto para qualquer prática de ensino é ocupar-se com o uso

da língua. Portanto, ver o ensino de língua como um lugar de práticas de linguagem significa aumentar as possibilidades de uso da língua com êxito.

Sabe-se que o conhecimento gramatical é necessário para aquele que se dedica ao estudo formal e tradicional da língua. Entretanto, o aspecto gramatical não deve ser o único privilegiado pelo professor, principalmente o de ensino fundamental.

É importante que o professor se preocupe em qualificar as habilidades de leitura dos alunos, pois, assim, serão formados cidadãos capazes de defender suas idéias, de compreender os fatos da realidade que os cerca e de reivindicar seus direitos.

A concepção de linguagem no livro didático

No trabalho realizado pelo projeto "Em busca da melhoria do ensino fundamental: a concepção de linguagem subjacente aos manuais didáticos", foi realizada a análise das atividades de leitura, produção de texto e gramática do livro didático *A palavra é sua*³ - 5ª série - aprovado pelo MEC.

As unidades desse manual são formadas pelas seguintes atividades: texto, interpretação do texto, atividade oral, a palavra no contexto, a palavra no dicionário, leitura suplementar, atividade oral, sala de redação e gramática.

O texto

Os textos são bastante infantis para a série, porém esse não seria um problema se os mesmos fossem melhor explorados, pois as atividades feitas para eles são superficiais e não ultrapassam o nível de identificação de informações.

A interpretação do texto

As atividades de interpretação do texto são constituídas, geralmente, por biografia do autor do texto, algumas perguntas supostamente pessoais e outras que tentam fazer a conexão entre o texto e a realidade, mas que não são eficientes.

A biografia do autor, nesse momento, não é relevante. Na maioria dos casos ela não interfere na interpretação do texto. Além disso, é importante que o próprio aluno faça essa pesquisa, se sentir necessidade.

As perguntas de interpretação do texto induzem o aluno a uma resposta sem fazê-lo refletir sobre o assunto. A atividade não oferece liberdade de opinião, pois além de induzidas, as respostas são, muitas vezes,

¹ MEC, Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 18.

² GERALDI, Língua e ensino: exercícios de militância e divulgação. 1996, p. 66.

³ LUFT, Celso Pedro; CORREA, Maria Helena. *A palavra é sua: Língua portuguesa*. 1996

diretamente transcritas do texto ou apresentadas sob a forma de questões de múltipla escolha, em que as alternativas de resposta estão preestabelecidas.

Destacar e identificar informações é importante; não é, no entanto, o essencial. Essas são apenas etapas iniciais da interpretação. É muito importante que o aluno reflita e estabeleça suas próprias convicções e opiniões e mais importante, ainda, é que ele expresse-as, interagindo com o texto e ultrapassando o nível de leitura somente como decodificação da palavra escrita.

A palavra no contexto

Na atividade "a palavra no contexto", o mais marcante é que muitos exemplos são descontextualizados.

A palavra no dicionário

Nessa atividade, os alunos não trabalham diretamente com o dicionário, o que seria mais adequado, tendo em vista que a procura de palavras no dicionário exige atenção e prática.

Sala de redação

A atividade "sala de redação" é subdividida em: análise do texto, aquecimento e redação em equipe. Contudo, não possui uma produção textual eficiente, pois análise do texto, em alguns casos, explora outros textos, o "aquecimento" não estabelece ligação com o restante da unidade. A atividade é descontextualizada.

A gramática

A parte relativa à gramática é composta por atividades de identificação e classificação, apenas. Não há reflexão ou aplicação da língua. Ocorre, em diversas ocasiões, uma tentativa de simplificar os conteúdos, que acaba tomando os conceitos muito superficiais.

Considerações finais

De acordo com o que foi analisado, esse manual didático apresenta alguns aspectos que, de uma certa forma, podem comprometer o ensino do aluno, caso o professor não interceda positivamente nesta questão; pois as informações novas são superficiais, denotando um ensino descontextualizado, apoiado somente na gramática normativa, não exigindo do aluno mais do que habilidades de identificação e classificação. Portanto, a concepção de linguagem não é interativa, não há interação entre as partes das unidades, nem entre o aluno e o texto.

Segundo Travaglia (1996), existem três possibilidades distintas de conceber a linguagem: a primeira vê a linguagem como expressão do pensamento; a segunda, como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação; a terceira, como forma ou processo de interação.

Sob essa perspectiva, o livro analisado apresenta algumas características tanto da primeira como da segunda concepção de linguagem. Isso porque o texto não leva em consideração para quem se fala, para que se fala e a situação em que se fala, o estudo feito da língua relaciona-se ao seu funcionamento interno, separando o homem e o seu contexto social.

Referências bibliográficas

- GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras - ALB, 1996.
- LUFT, Celso Pedro; CORREA, Maria Helena. *A palavra é sua: Língua portuguesa*. 1996
- MEC- Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Contexto, 1996.